

Espaço público

Comentar a crise do Afeganistão: uma questão de empatia



Dora Santos Silva

As 20h de Lisboa (00h30 em Cabul) de domingo, 15 de agosto, o canal de televisão do Qatar Al-Jazira transmitia em directo a tomada do Palácio Presidencial pelos talibã, que se posicionaram à volta da mesa antes ocupada por Ashraf Ghani para as fotografias oficiais que depois circularam pelos *media*. Os canais televisivos portugueses transmitiram essas imagens em directo nos seus principais programas informativos para, ao longo da semana, usarem um trunfo para reforçar o vínculo emocional com o espectador de que o jornalismo tanto necessita: a análise e o comentário à situação no Afeganistão quer por convidados especiais quer por comentadores habituais.

Entre esse domingo e sábado, 21 de agosto, entre as 19h e as 24h, os comentadores ocuparam quase 11 horas de emissão nos programas informativos dos quatro canais de sinal aberto (RTP, RTP2, SIC e TVI), juntamente com os da RTP3, SIC Notícias, TVI24 e CMTV. É muito tempo? Sim, se tivermos em conta que, tirando o resto da atualidade informativa, marcada pelos incêndios no Alentejo e no Algarve, o sismo no Haiti, o plano de vacinação e a própria cobertura jornalística do Afeganistão extracomentários, isso equivaleu, por exemplo, a 15% da emissão total dos segmentos informativos da RTP2, a 8% da emissão contínua informativa da TVI24 e da SIC Notícias, a 7% da CMTV e a 27% da RTP3. Mas a quantidade vale o que vale.

A análise e o comentário, numa altura em que o excesso de informação sem curadoria, sem contexto e sem didáctica têm como inimigos o *scroll* automático e a desinformação, são preciosos para reforçar os graus de esclarecimento e empatia de uma sociedade em relação aos assuntos da atualidade, principalmente os mais complexos ou polémicos. Porém, a pouca diversidade de comentadores ou dos temas para debate (ou a pobreza dos comentários) e o drama pontual desnecessário podem desencadear um fenómeno semelhante aos diretos que hoje desgastam os segmentos informativos: se antes um direto significava reportagem de qualidade, hoje, salvo exceções, naturalmente, serve para ocupar tempo de antena de forma barata; hoje, um comentário pode retirar dignidade a crises humanitárias como a do Afeganistão não por desmérito do comentador (embora também existam), mas pela predominância de discursos e de comentadores de determinadas formações académicas ou políticos cujas análises, quer queiram quer não, são sempre deturpadas na opinião pública consoante as suas simpatias políticas.

Qual foi o perfil dos comentários e dos comentadores da crise humanitária do Afeganistão entre 15 e 21 de agosto, na televisão portuguesa, no horário nobre alargado? O discurso dominante centrou-se, como seria de esperar, na retirada dos EUA de Afeganistão e no discurso de Joe Biden. Mas não será redutor que seja o tema central de 50% das intervenções do segmento informativo do canal pago com maior *share* de audiências? E que durante toda a semana tenham existido sempre os mesmos dois comentadores, isto é, com os mesmos pontos de vista, com uma dada formação académica, um deles político, nas quatro parcas intervenções que existiram? Os espectadores que acompanham o canal tiveram muito pouco sumo para orientar a sua opinião.

No campo dos especialistas convidados, predominaram nos seis canais – dado que o comentário esteve ausente de todos os segmentos informativos da TVI e da SIC, com exceção do de Paulo Portas no domingo na TVI – aqueles provenientes das áreas da Ciência Política e Relações Internacionais, Segurança e Defesa, e História. Os seus contributos foram muito positivos, mas sendo o futuro das mulheres afegãs e o cumprimento da lei islâmica pelos talibã alguns dos principais temas lançados para análise pelos jornalistas, não teria sido frutífero trazer a estúdio sociólogos – por exemplo, das áreas de violência de género, de sociologias das religiões, de estudos sobre as mulheres –, especialistas em ciências das religiões, estudos culturais ou direitos humanos? Em cerca de 50 comentadores – especialistas e não

especialistas – que analisaram a situação de Afeganistão, talvez três ou quatro tenham podido falar com propriedade e representatividade de três assuntos nucleares: refugiados, futuro das mulheres e direitos humanos. Refiro-me a Pedro Neto, diretor executivo da Amnistia Internacional em Portugal, António Vitorino, diretor-geral da Organização Internacional das Migrações, e Paula Barros, da Plataforma para os Direitos das Mulheres, todos porta-vozes de instituições, não académicos.

Há vários tipos de comentadores e analistas nos canais portugueses como estes com funções específicas: existem os comentadores com segmentos próprios, herança de Marcelo, quase todos políticos e homens (com exceção da RTP3), que fazem uma análise com maior ou menor aprofundamento dos acontecimentos que marcam a semana; os comentadores



Se o Afeganistão vive uma crise humanitária, o Ocidente sofre de ausência de empatia. Os comentadores e o jornalismo podem ajudar, sendo eles também mais empáticos

regulares dos canais, chamados a analisar um tema consoante a familiaridade que têm com ele; por fim, os convidados especiais, chamados para analisar especificamente aquele tema, que podem ser porta-vozes de instituições, especialistas, etc.

Destaco três figuras: os jornalistas comentadores têm sempre um papel fundamental pela sua capacidade de síntese, análise, contexto ou pelo que já testemunharam; os especialistas, que nos ajudam a desconstruir o que é complexo de entender; os porta-vozes de instituições, que nos ajudam a entender, na prática, o campo de operações.

Os académicos – e também os jornalistas, pela sua vocação – têm o papel, nestas circunstâncias, de estar atentos aos buracos de conhecimento ou à probabilidade de desinformação por parte do público e preenche-los ou combatê-los.

Neste caso em particular, muitas perguntas ficaram por responder nos comentários desta semana, muitas porque não foram feitas: antes de os talibã tomarem o poder, as mulheres não se sentiam já inseguras? E em vez de a pergunta recorrente ser “como é que os EUA não previram a tomada de poder tão rápida e eficaz pelos talibã”, por que não se tentou perceber o que foi feito nos últimos 20 anos?

Outra pergunta recorrente foi “quem são estes talibã”? Mas as respostas, em vez de terem sido especulativas, deviam ter sido mais didáticas, porque ainda há muitas pessoas que pensam que os talibã são um grupo terrorista responsável pelo ataque às torres dos EUA em 2001. Não foram. Porém, também é preciso explicar porque é que a sua ascensão ao poder pode ser um caldo para grupos jihadistas terroristas.

Por último, em crises como esta, o discurso tem de ser mais humanista e empático, assim como o jornalismo, porque se o Afeganistão vive uma crise humanitária, o Ocidente sofre de uma crise de ausência de empatia.

Há 10 milhões de afegãos em insegurança alimentar neste momento, a comunidade internacional terá de acolher milhares de deslocados, mas o cidadão comum tem de se colocar no lugar do outro e ter a capacidade psicológica de sentir o que sentiria a outra pessoa. E o jornalismo (e os comentadores) pode ajudar nisso. Deve fazê-lo.

Portanto, na análise e no comentário da crise humanitária do Afeganistão (reforço que é, antes de política, humanitária), o perfil dos comentadores é essencial, tal como as perguntas lançadas para debate.

A ausência de dados corretos, de explicação, de contexto para a formação da opinião pública tem uma consequência em que poucos pensam: a ascensão dos populistas, porque a falta de clareza em assuntos como estes leva a percepções e representações sociais erradas por parte da sociedade, principalmente em relação aos refugiados e à consequente responsabilidade da comunidade internacional. É um problema de empatia.

Professora de Jornalismo na Nova FCSH

